



A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO REMOTO: DOCÊNCIA E OS PROCESSOS DE REINVENÇÃO

THE LEARNING ASSESSMENT IN REMOTE TEACHING:
TEACHING AND REINVENTION PROCESSES

Graciela Soares¹
Dandara Lorrayne do Nascimento²

RESUMO: Este estudo discorre sobre uma investigação da Avaliação da Aprendizagem de alunos da Educação Básica, no ensino remoto, durante a pandemia e sobre as percepções dos docentes no contexto. Logo, foram realizadas entrevistas com 22 professores que atuam na Educação Básica em Porto Alegre e região, seguindo os objetivos de estudar, investigar e problematizar como tem sido o processo de avaliação da aprendizagem e as principais percepções docentes no contexto vivido. Nas análises realizadas, levando em consideração as vozes dos sujeitos participantes da pesquisa entrelaçados aos autores estudados, foi possível evidenciar um latente processo de ressignificação e reinvenção das práticas docentes. Esta reinvenção da docência vem sendo subjetivada por esse novo formato de educação, pelas novas experiências de ensino, aprendizagem e avaliação, pelos meios digitais e diversas alternativas de organização. Os professores entrevistados trouxeram uma importante reflexão sobre a possibilidade de inserir novos modelos de organização pedagógica através da educação remota emergencial, buscando soluções e estratégias nas ferramentas digitais para viabilizar o trabalho. Por fim, foram sugeridos novos olhares para o conceito de avaliação, pois avaliar a aprendizagem escolar é um movimento que cabe ao espaço e tempo da escola e se dispõem às possibilidades de seguir reinventando a avaliação.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem; Ensino; Aprendizagem; Reinvenção Docente.

ABSTRACT: This study discusses an investigation of the Learning Assessment of students of Basic Education, in remote education, during the pandemic and on the perceptions of teachers in context. To this end, interviews were conducted with 22 teachers who work in Basic Education in Porto Alegre and the region, following the objectives of studying, investigating and problematizing how the process of learning assessment has been and the main teachers' perceptions in the lived context. In the analyzes carried out, taking into account the voices of the subjects participating in the research intertwined with the studied authors, it was possible to show a latent process of reframing and reinventing teaching practices. This reinvention of teaching has been subjectified by this new format of education, by the new experiences of teaching, learning and evaluation, by digital media and various organizational alternatives. The interviewed teachers brought an important reflection on the possibility of inserting new models of pedagogical organization through emergency remote education, seeking solutions and strategies in the digital tools to make the work feasible. Finally, new perspectives on the concept of evaluation were suggested, as evaluating school learning is a movement that belongs to the space and time of the school and they are disposed about the possibilities of continuing to reinvent the evaluation.

Keywords: Learning Assessment; Teaching; Learning; Teaching Reinvention.

¹ Graciela Soares, gracisoares84@gmail.com

² Dandara Lorrayne do Nascimento, dandara.lno@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Este estudo discorre sobre uma investigação da Avaliação da Aprendizagem de alunos da Educação Básica, durante o ensino remoto, em tempos de pandemia e sobre as percepções dos docentes neste novo contexto. É pertinente salientar que o problema dessa pesquisa foi subjetivado pela profunda preocupação e inquietação em problematizar como tem sido realizada a avaliação da aprendizagem dos alunos da educação básica nesse período de distanciamento social, ocasionado pela pandemia de COVID-19.

Neste cenário, é necessário que os professores de todos os níveis e modalidades da educação se reinventem em uma busca por (re) construir novas formas de ser e fazer docência e alternativas para planejar e executar o ensino.

A docência é, sem dúvidas, cercada pelos temas de planejamento didático-pedagógico e avaliação, logo, debater e problematizar sobre eles é praticamente intrínseco à profissão. Além disso, as bases teóricas usadas nesse estudo afirmam que a avaliação das aprendizagens escolares e das aprendizagens socioculturais do mundo escolar estão vinculadas ao núcleo de convivência diária entre os pares dentro do espaço/tempo da escola, por isso, urge uma reflexão sobre os questionamentos acerca da avaliação da aprendizagem, agora, fora da escola, à distância, através do ensino remoto.

As lentes teóricas assumidas para dialogar com o estudo perpassam os conceitos de Planejamento Didático Pedagógico com os autores Arroyo (2009), Tardiff e Lessard (2008); de Avaliação com as contribuições de Perrenoud (1999), Álvarez-Méndez (2002) e Pironel (2017; 2019), e, mais recentemente, os estudos que estão sendo produzidos sobre Ensino Remoto pela faculdade de arquitetura/UFRGS (2020), Holges et al. (2020) e Tomazinho (2020), além de alguns decretos e documentos normativos elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura e UNESCO (2020).

Nas próximas seções serão contextualizados os referenciais teóricos utilizados como lentes para a problematização do estudo, os percursos metodológicos da pesquisa, as análises dos discursos apresentados nas entrevistas concedidas pelos participantes, assim como, os resultados e análises realizadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No cenário atual temos vivenciado, com o Brasil e o mundo passando por uma gigantesca crise sanitária, social, política, cultural, econômica e educacional, em virtude da pandemia ocasionada pela doença infecciosa sars-cov-2 (COVID-19), recentemente descoberta e verificado pela primeira vez em dezembro de 2019, na China (WHO, 2021). A partir de então os dados divulgados acerca da doença são crescentes e alarmantes, pois o vírus se propagou muito rapidamente em todos os continentes, deixando milhares de pessoas mortas, milhões de enfermos, além de muita insegurança e incertezas na vida cotidiana da população mundial.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a disseminação comunitária do vírus em todos os continentes a caracterizava como



pandemia, e, recomendou três ações básicas para a contenção: isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social. Por isso, as rotinas pessoais mudaram completamente em nível planetário, as medidas que foram e ainda estão sendo adotadas ajudam a minimizar a propagação do vírus, conter a infecção da doença e frear as mortes causadas pela COVID-19. Outras medidas como protocolos sanitários e de higienização, proibição de circulação/aglomeração de pessoas em locais abertos e fechados, suspensão das atividades em diversos setores, elaboração e divulgação de estudos, entre outros, estão sendo adotadas em larga escala (OMS, 2020).

Em meio a tantas medidas, a educação e ambientes escolares não ficaram de fora, pois a maioria dos governos de todo o mundo fecharam temporariamente as atividades presenciais nas instituições escolares, visando conter o avanço da pandemia. Muitas recomendações no âmbito educacional estão sendo realizadas em nível nacional e internacional, órgãos como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Organização das Nações Unidas (ONU) fizeram coro, defendendo a interrupção do ensino presencial e recomendando novas maneiras de ensinar e aprender, sendo a educação remota a mais adequada durante o período de distanciamento e/ou confinamento social, assim chamada essa nova forma de viver (ONU, 2020).

No Brasil, em meio à pandemia e de maneira urgente, o Ministério da Educação (MEC) vem homologando normativas, decretos e emendas de leis que ajudam a entender e organizar os processos burocráticos ligados a educação remota. No dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, O MEC dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo Coronavírus e, dessa forma, grande parte das escolas brasileiras adotaram esse novo sistema de ensino (BRASIL, 2020a).

Neste sentido, dentre as normativas, o MEC homologou um conjunto de diretrizes, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que orientam instituições escolares de Ensino Básico e Ensino Superior sobre as práticas a serem adotadas durante o período pandêmico. O documento intitulado de Parecer CNE/CP nº 5/2020, resumidamente, esboça um pequeno histórico da cronologia temporal da COVID-19 em nível mundial e nacional, faz uma discussão sobre as fragilidades e desigualdades estruturais encontradas na sociedade brasileira, traz um panorama dos reais e importantes desafios para todas as instituições ou redes de ensino diante da reorganização do calendário escolar e recomenda uma série de atividades não presenciais por níveis, etapas e modalidades de ensino (BRASIL, 2020b). A partir do Parecer, há a possibilidade de os sistemas de ensino computarem atividades não presenciais para o cumprimento da carga horária mínima para fechamento do ano letivo de 2020. Por fim, é possível verificar que o documento é bastante elucidativo, no entanto, deixa claro que a reorganização dos calendários é de responsabilidade de cada sistema de ensino.

Diante dessa problemática instaurada não há como fugir da complexidade de tramas que mais uma vez bate à porta das famílias, das escolas, de gestores, de professores brasileiros e do mundo inteiro. A sociedade como um todo foi chamada para



aprender a ser, viver e conviver de outras maneiras e, dentro desse contexto, também entra em cena o ensino, a aprendizagem, o trabalho docente e sua multiplicidade para (re) organizá-lo, agora, de maneira bastante peculiar. Nesse contexto, surge o Ensino Remoto Emergencial (ERE), assim chamado por algumas instituições, como algumas Universidades Federais, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2020), bem como autores como Charles Holges et al. (2020) e Paulo Tomazinho (2020), que assim denominam essa nova forma de ensinar, diferenciando-se então do Ensino a Distância (EaD).

O ERE surge como uma modalidade de ensino de caráter temporário para que não haja descontinuidade do processo de ensino e aprendizagem neste tempo de crise sanitária, quando atores da educação estão impedidos de frequentar as escolas, seguindo então, os planos e protocolos de contingência anunciados mundialmente em prol da saúde coletiva. Do dia para a noite as comunidades escolares se viram obrigadas a pensar, planejar e executar os calendários escolares do ano de 2020 de maneira não presencial e, por isso é chamado de emergencial. Segundo Holges et al. (2020) o ERE não deve ser confundida com a EaD, pois, no ERE há um interesse em adaptar as aulas presenciais utilizando-se das tecnologias de informação e comunicação, para atender as demandas de ensino e aprendizagem de maneira predominantemente síncrona, ou seja, alunos e professores em tempo e espaço (virtual) comuns.

É válido ressaltar que ninguém estava preparado para enfrentar uma pandemia de tal proporção, não havia uma formação e planejamento por parte de professores e escolas para tal situação, nem mesmo os currículos, espaços e tempos escolares estavam adaptados para trabalhar de maneira *online*, assim sendo, a experiência é nova para todos, sem distinção. Ou seja, a prática do Ensino Remoto Emergencial configura-se como uma metodologia experimental e nova para todos (Gestores, professores, alunos e pais), em que planejamento e ensino tem sido entregues de forma emergencial e em tempo real (TOMAZINHO, 2020).

A pandemia ocasionada pela COVID-19 trouxe junto com ela um imenso desafio ao professorado. Esses desafios incluem mecanismos para se reinventar como docente, flexibilizar o ensino, a aprendizagem, mudar o planejamento, a avaliação, assim como todos os processos que estão envolvidos ao ato de educar. Enfim, a docência é praticada, porém de forma remota. O trabalho docente é cercado por estes variados temas e processos, sobretudo, planejar e avaliar são ações centrais da docência e são praticamente intrínsecos à profissão. Ainda, avaliar as formas de ensinar e aprender estão muito ligadas ao núcleo de convivência diária entre os pares dentro do universo escolar, dessa maneira é urgente uma problematização acerca da avaliação da aprendizagem dos sujeitos alunos, agora, em outro contexto, do ensino remoto emergencial.

O tema da avaliação é bastante polêmico e muito importante dentro do processo educativo, pois acredita-se que é através da avaliação dos processos de aprendizagem e ensino que se pensa no planejamento das atividades docentes como um todo. Dessa forma, planejar e avaliar são movimentos ou ações indissociáveis do planejamento didático pedagógico, pois “[...] planejar consiste em preparar, realizar e acompanhar”



(RODRIGUES, 2013, p. 59), numa concepção ampla do planejamento. Sendo assim, acompanhar o planejamento também significa avaliar o processo de aprendizagem dos alunos e não somente dos alunos, mas também das possibilidades de ensinar, das alternativas que se tem para planejar, assim como dos possíveis processos e instrumentos avaliativos que podem ser utilizados na ação educativa.

Esta concepção de avaliação vai ao encontro das contribuições e reflexões trazidas pelo professor Márcio Pironel (2017) que coloca em pauta a tríade denominada de ensino-aprendizagem-avaliação, tratando de uma integração profunda desses processos. Ora, avaliar, assim como aprender/desenvolver e ensinar/planejar também significa fazer/construir conhecimento. Assim sendo, pode-se pensar a avaliação como algo que é preciso/necessário, e mais, pode-se ampliar a avaliação como algo fundante em nossas práticas docentes, pois avaliar é também, acima de tudo, uma valiosa forma de construção de conhecimento.

A avaliação pode (e deveria) ser pensada como uma proposta de acompanhamento de todo processo do trabalho pedagógico que é importante não somente para avaliar as aprendizagens dos alunos, como também usar-se da avaliação como um processo dialógico, de tensões, de dilemas, e de tomada de decisão, de uma incessante busca pela intencionalidade pedagógica. Avaliação é um “[...] processo de indagação e de reflexão e ponto de partida para a ação [...]. Necessitamos dela para compreender e para fortalecer os processos que desejamos gerar” (ÁLVAREZ MENDEZ, 2003, p. 22).

Ainda nesta perspectiva, os estudos de Perrenoud (1999), auxilia as reflexões sobre avaliação formativa, levando a pensar a avaliação como um processo de construção de todos os sujeitos envolvidos no âmbito escolar. Assim, pode-se entender que a avaliação é bastante significativa e pode ser usada para ajudar o estudante a aprender seu próprio processo educativo, assim como, pode ajudar professores a refletir sobre sua própria prática pedagógica em sala de aula.

Segundo os estudos de Tardiff e Lessard (2008), a profissão docente aparece atrelada a imagem de um profissional multifacetado, dentro de um cenário e contexto dinâmico, cercado de inúmeras interações com outros seres humanos. Eles afirmam que a prática de professores está baseada “[...] em conceitos complexos [...] que traduzem a complexidade das próprias situações de trabalho que eles precisam assumir junto às pessoas” (TARDIFF; LESSARD, 2008, p. 31). É no espaço escolar que professores e alunos são convidados ao convívio diário da construção dos saberes, das trocas de experiências, da constituição da subjetividade um do outro. Assim, particularidades como sensibilidade, afetividade, alteridade entram no repertório de saberes importantes para um efetivo trabalho docente. Para muitas pessoas é possível aprender sozinhas, em ensinos alternativos ou à distância, mas é no convívio, na relação e em uma trama complexa com outros seres humanos, sobretudo, com os professores e entre pares, que se aprende a ser humanos.

Dessa maneira, a relevância da escola, do trabalho docente e da presencialidade vão assumindo um lugar social e ímpar para os processos de aprendizagem e ensino. “A matriz pedagógica fundante que faz parte de nossa condição humana é querer ter



necessidade de aprender observando e imitando os outros [...] relacionar-se com o mundo e com a sociedade são parte do conhecer humano” (ARROYO, 2009, p. 55). Nesse contexto, ao considerar que é na escola, com seus espaços e tempos físicos privilegiados, local em que se encontra solo fértil para ensinar e aprender, em consequência, planejar, acompanhar e avaliar todo o processo educativo, vem à mente a problemática de pesquisa e seus questionamentos. Esses problemas se instauram, causando indagações e inquietações, justamente em tempos de distanciamento social, ensino (e aprendizagem) remoto, em função da pandemia.

Ora, como docentes, algumas questões merecem ser refletidas, sendo elas sobre como tem sido realizado o processo avaliativo das aprendizagens dos alunos em tempo de distanciamento social; Como tem se organizado a avaliação dos processos envolvidos na prática educativa no ensino remoto; Que instrumentos e métodos estão sendo utilizados para dar conta de avaliar esses estudantes da educação básica nesse contexto; Como os professores têm avaliado o próprio processo docente na perspectiva do ERE, na vida pandêmica; Entre outros, e essas reflexões serão realizadas nas próximas seções.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

O ano de 2020 (estendendo ao ano de 2021) ficará marcado nas memórias afetivas das pessoas do mundo inteiro como o ano em que se disseminou uma pandemia e, por isso, buscou-se novas formas de ser, viver e conviver, de um modo bem amplo e geral. A existência de um vírus que assustou e ainda assusta as pessoas, ressignificou também a educação de uma maneira bastante radical e emergencial, a ponto ser preciso reconstruir totalmente os modos de fazer a docência.

Dessa maneira, para auxiliar na construção desta pesquisa, foram realizadas entrevistas com 22 professores da Educação Básica que atuam na rede pública e privada de ensino no município de Porto Alegre e região metropolitana.

A entrevista foi realizada mediante um questionário *online* elaborado na plataforma *Google Forms*, que colheu as respostas durante o mês de agosto de 2020. Um total de doze questões relacionadas com a temática da avaliação da aprendizagem foram produzidas, sendo quatro delas de múltipla escolha e oito abertas. As questões respondidas pelos docentes foram:

1. Como você tem se sentido profissionalmente e emocionalmente diante do momento pandêmico que estamos vivenciando?
2. Como tem sido a sua rotina de organização das aulas no contexto de distanciamento social?
3. Qual tua concepção de avaliação de aprendizagem dos alunos?
4. Que instrumentos avaliativos utiliza comumente?
5. Como tens feito a avaliação da aprendizagem dos alunos no contexto de distanciamento social?
6. Quais instrumentos avaliativos tens utilizado no ensino remoto?
7. Destacas pontos positivos e/ou negativos no ensino remoto? Comente.



8. Destacas pontos positivos e/ou negativos na avaliação da aprendizagem no ensino remoto? Comente.
9. Tens encontrado alguma dificuldade no ensino remoto?
10. Comente as principais dificuldades no ensino remoto, caso haja.
11. Tens encontrado alguma dificuldade para avaliar a aprendizagem dos alunos no ensino remoto?
12. Comente as principais dificuldades para avaliar a aprendizagem dos alunos no ensino remoto, caso haja.

As indagações propostas não esgotam as possibilidades de pesquisa, mas cercam o recorte do tema escolhido para este trabalho e ajudam na formulação do problema a ser resolvido: Como tem sido a avaliação da aprendizagem dos alunos da educação básica no ensino remoto em tempos de Pandemia? Os objetivos expostos foram pensados atrelados ao problema central e aos questionamentos realizados aos professores participantes. Eis: Entrevistar professores da educação básica para saber como entendem e como tem organizado o trabalho avaliativo da aprendizagem de alunos da educação básica no contexto do ensino remoto, em tempos de pandemia; Investigar como tem sido o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos da educação básica no contexto do ensino remoto em tempos de pandemia; Problematizar as propostas de avaliação utilizadas, bem como instrumentos avaliativos e meios para avaliar a aprendizagem de alunos da educação básica no ensino remoto em tempos de pandemia; e, Analisar e/ou propor possíveis mudanças no processo de avaliação da aprendizagem de alunos da educação básica no ensino remoto, decorridas em virtude da pandemia.

Para atingir os objetivos específicos elencados acima, recorreu-se à pesquisa qualitativa, caracterizada pela existência de descrições, interpretações, compreensões e análises de informações, através de entrevistas e análises de conteúdo, por exemplo (MARTINS; THEÓPHILO, 2009). Neste sentido, os métodos qualitativos são aqueles em que a interpretação por parte do pesquisador torna-se a ferramenta chave (KOCHE, 2011).

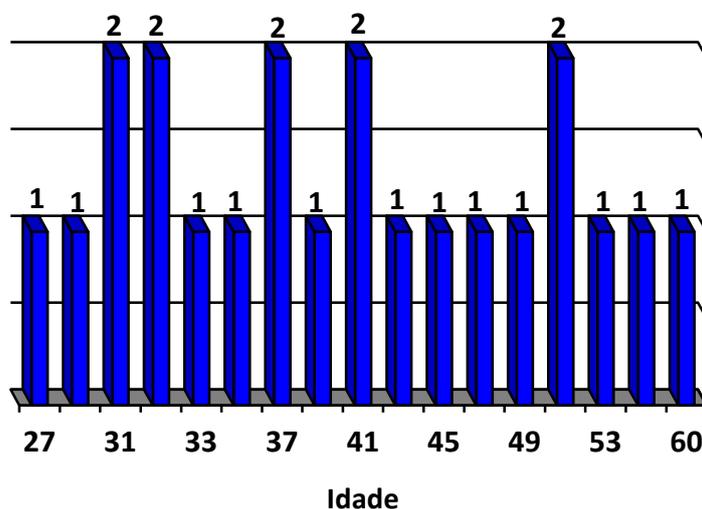
Aqui, a entrevista ainda é considerada “[...] o melhor meio disponível para ter acesso a opiniões, crenças e valores dos participantes, bem como a relatos situados dos eventos em um dado momento no tempo” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 172). O uso do termo de consentimento informado, com todos os envolvidos, foi imprescindível, garantindo ética, sigilo e assegurando privacidade.

Além disso, para o estudo dos depoimentos dos professores entrevistados foi utilizada a análise de conteúdo categorial assim como é proposta por Bardin (2009). Esta abordagem configura-se como uma metodologia de trabalho com dados brutos, funcionando de modo a realizar “[...] operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 2009, p. 199). Assim, foi possível realizar uma triangulação entre todas as vozes da pesquisa, ou seja, aporte teórico, sujeitos entrevistados e as reflexões das pesquisadoras em questão. Para tanto, foram identificadas como categorias de análise: A Docência Esgotada e A Docência Reinventada, que serão exemplificadas nas próximas seções.



Para melhor contextualização, os dados pessoais dos participantes estão representados nos Gráficos³ a seguir e essas informações auxiliaram uma melhor caracterização do grupo, contextualizando os docentes e suas realidades. O Gráfico 1 representa a idade dos docentes.

Gráfico 1 – Idade dos docentes entrevistados



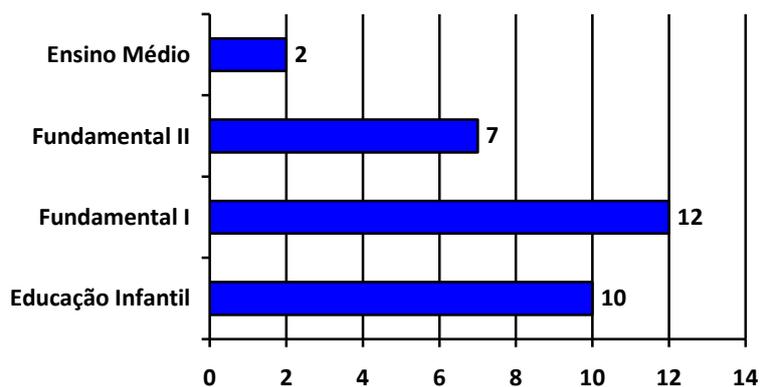
Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 1 apresenta um dado bastante importante para a caracterização dos docentes que participaram da pesquisa e, ao mesmo tempo, sugere um questionamento: A idade dos professores pode influenciar positiva ou negativamente no uso de recursos digitais para o ensino? Visto que muitas pessoas, especialmente, profissionais na área da educação ainda possuem algum tipo de resistência quanto ao uso das tecnologias como recursos metodológicos, esta questão faz sentido para ser refletida mais adiante.

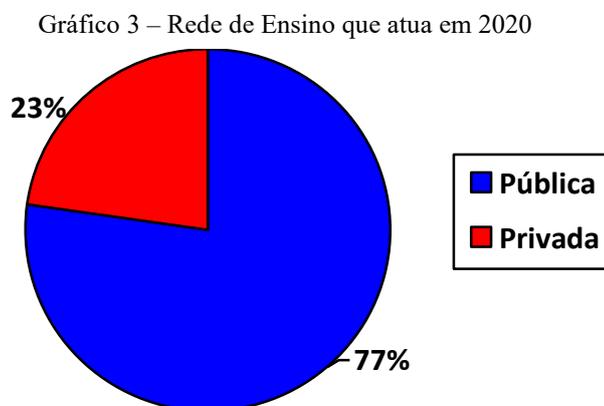
A seguir, nos Gráficos 2 e 3, evidencia-se o público-alvo dos docentes e os locais em que atuam, respectivamente, o que ajuda a pensar sobre as possíveis realidades de ensino e aprendizagem em que alunos e professores estão inseridos.

Gráfico 2 – Nível de Ensino que atua em 2020

³ Os gráficos utilizados para a construção da pesquisa foram construídos com base nos dados das respostas apresentadas no aplicativo *Google Forms*.



Fonte: Dados da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa.

De posse dessas informações iniciais, foram realizadas as análises e discussão dos resultados.

4 ANÁLISES DOS DADOS

Ao levar em consideração as respostas dos docentes entrevistados e o referencial teórico ao qual se debruça esta pesquisa, duas categorias de análise foram identificadas, a partir de um trabalho que se subsidiou em princípios da análise de conteúdo proposta por Bardin (2009): **A Docência Esgotada e A Docência Reinventada**. As categorias serão abordadas a seguir.

4.1 A Docência Esgotada

Esta categoria surgiu da análise dos depoimentos docentes a partir dos questionamentos “Como você tem se sentido profissionalmente e emocionalmente diante do momento de pandemia que estamos vivenciando? Relate um pouco.” E, “Como tem sido sua rotina de organização das aulas no contexto de distanciamento social?”.



Os 22 professores participantes ao relatarem seu cotidiano profissional dentro do contexto do ensino remoto sinalizaram: esgotamento físico e emocional; sobrecarga nas tarefas que antes eram realizadas no espaço e tempo da escola, e que, agora o fazem em casa; ampliação da carga horária de trabalho, atendimento nas redes sociais e plataformas disponíveis para o ensino remoto; e, uma constante preocupação em atingir a maior participação de alunos e colaboração de suas famílias. Os sentimentos como incertezas, angústias, ansiedade e insegurança relacionados à aprendizagem e ao ensino, também foram relatados. Alguns desses relatos são apresentados a seguir:

P3: Tenho me sentido sobrecarregada de trabalho, além de ter aumentado a carga horária, precisei aprender uma nova forma de dar aula.

P4: Me sinto sobrecarregada com tantas coisas para dar conta.

P13: Estou trabalhando muito mais (...) trabalho dia e noite (...).

P14: Angustiada, cansada e preocupada por não estar alcançando pelo menos a maioria dos alunos.

P17: Estou me sentindo esgotada. Não saio mais para trabalhar, mas, aos poucos, minha casa foi se transformando em uma extensão do meu trabalho. Pais e mensagens da escola chegando o tempo todo, manhã, tarde e noite. (...) Nossa intimidade não é respeitada, somos convocados a participar de lives e palestras que não correspondem aos nossos períodos de trabalho.

P21: (...) a maior dificuldade e desconforto se dá no trabalho com as crianças, ou melhor, com as famílias, já que o contato fica dependente da mediação dos pais e passa pela tecnologia. É supercomplicado manter os vínculos dessa forma (...). Mas aos poucos e com sensibilidade vamos tentando e descobrindo formas de nos aproximar.

Ao focar nas falas destes professores percebe-se que muitos relatam um sentimento de esgotamento físico e emocional, além de uma sobrecarga profissional. Isso remete ao desafio que, insistentemente se vê atrelado à educação escolar e, aos professores e suas multiplicidades de funções, seja como amigo, conselheiro, psicólogo, mediador de conflitos na família, pai, mãe etc.

Em algumas circunstâncias o papel do docente extrapola a questão institucional, vinculado ao ensino e a aprendizagem escolares, conferindo-lhe uma responsabilidade e preocupação com a totalidade e integralidade do alunado, seja com sua saúde, segurança, com seus problemas pessoais e familiares, bem como com seu estado físico, emocional e afetivo.

Essa questão denota um comportamento cada vez mais sensível e humano na profissão docente, ou seja, “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos” (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 31). Assim, princípios como ética, alteridade, empatia, sensibilidade, emoção, afetividade e amorosidade vão se constituindo como saberes também profissionais e legítimos para o trabalho docente, configurando o que Arroyo (2009) denomina como Humana Docência.

Dentro do contexto do ensino remoto, percebeu-se que os limites entre o pessoal e o profissional tem ficado cada vez mais sobrepostos, pois as moradias viraram salas de aula improvisadas, filhos, cônjuges e famílias como um todo participam das aulas



(ensinando e aprendendo), as folhas e cadernos estão sendo substituídos por celulares e computadores. Enfim, os desafios são imensos, mas a vontade de (re) aprender e permanecer vivo, literalmente, sobrepõe estas fronteiras que balizam os ambientes, os tempos e os sentimentos.

Não está sendo fácil para ninguém, mas, às vezes, é esquecido que professores também são seres humanos passíveis de sentimentos dos mais variados, tais como medos, erros, incertezas, tristeza, entre outros. Assim como, também estão sujeitos às doenças que circulam no mundo. Em suma, haverá muitas feridas físicas e emocionais que acometerão a comunidade escolar e o mundo como um todo, e elas precisarão ser acompanhadas, tratadas e toleradas, para juntos, se aprender a superar todas as adversidades ocasionadas pela pandemia, um evento que possivelmente irá gerar traumas no futuro.

Segundo a Pedagogia Emergente de Ruf (2014), algumas medidas ajudam a prevenir distúrbios traumáticos, são elas: (...) “informação/estudo, treinamento, rotina e trabalho em grupo.” E, ainda, algumas intervenções auxiliam no tratamento de possíveis distúrbios subsequentes advindos de situações estressantes, seja:

“(…) falar sobre as experiências estressantes, fazer intervalos, (...), treinar técnicas de respiração e distanciamento, executar exercícios de imaginação e de comportamento, ensaiar estratégias adequadas para a solução de problemas, assim como encontrar maneiras de conviver adequadamente com emoções em situações de estresse.” (RUF, 2014, p. 243)

Ou seja, professores também precisam ser ouvidos, cuidados e acarinhados, encontrando maneiras de aprender a conviver com estas novas situações estressoras. É necessário buscar alternativas, construir pontes e redes de apoio. Ninguém está só na pandemia, e, é cuidando de si mesmo, que se consegue cuidar dos outros.

Nas respostas também surgiram falas inquietas pelo descaso e pouca formação e/ou orientação advinda das mantenedoras e equipes diretivas, o que acaba deixando os educadores ainda mais inseguros, angustiados e preocupados. Alguns desses relatos são:

P6: Sinto-me sem suporte adequado da mantenedora (SMED-XXXX). Falta orientação acerca da metodologia para trabalho remoto. Também falta um sistema operacional para EaD.

P11: Profissionalmente preocupada pelos alunos que não estão conseguindo ter acesso ao ensino remoto por conta da falta de políticas de ensino à distância da mantenedora, me tornando emocionalmente ansiosa, angustiada e frustrada.

P20: Estamos recebendo pouca orientação para lidar com o processo educacional neste momento, sendo que não temos garantia de nada, nem mesmo sabemos o que irá acontecer com o ano letivo.

O que se tem visto é a consideração de que todos são novatos nesse novo jeito de ensinar e aprender, sobretudo um novo jeito de viver. Professores e gestores estão na mesma situação de aprendizes, errando e acertando, conforme as novas situações que são apresentadas, a cada dia, a cada aula, a cada nova pergunta ou nova resposta. Para



Tomazinho (2020), o que está acontecendo é um planejamento pedagógico em tempo real. De fato, tem-se vivido a prática no acontecimento, estando todos a experimentar uma nova forma de viver econômica, social, cultural, educacionalmente falando.

No entanto, cabe aos gestores, governantes e representantes políticos pensarem e executarem esse novo formato de educação e de vida. Por exemplo, no âmbito escolar, seja subsidiando formações profissionais e adequadas, seja injetando recursos financeiros para uma ampla expansão de *internet* e artefatos tecnológicos para a comunidade escolar, ou, seja investindo em medidas sanitárias consistentes para garantir a segurança sanitária de todos envolvidos na educação.

Se, por um lado se vê problemas imensos que a pandemia tem gerado e não somente no contexto educacional, por outro lado, percebe-se em cada educador a presença de uma profunda vontade de aprender, de se reinventar e de melhorar como pessoa e em seu ofício docente. O que remete a próxima categoria de análise elencada.

4.2 A Docência Reinventada

As respostas dadas pelos professores aos questionamentos: “Como tens feito a avaliação da aprendizagem dos alunos no contexto de distanciamento social?”, e, “Destacas pontos positivos e/ou negativos no ensino remoto e na avaliação da aprendizagem no ensino remoto”; ajudaram a tecer a categoria de análise “A Docência Reinventada”. Sobretudo, ela foi se constituindo pela urgência de refazer uma docência dentro de um contexto que clama por essa reinvenção de novos formatos de estar, ser e fazer educação. Eis alguns depoimentos que elucidam:

P1: (...) somos capazes de nos adaptar a esse tipo de ensino, a nos enquadrar em um novo sistema e aprenderemos muito!

P7: (...) estou aprendendo a lidar com novas tecnologias para atender algumas turmas online.

P9: Tenho estudado muito, me atualizado, iniciei uma nova graduação, leio livros, atualizo meu repertório (...). Estamos vivendo uma era de transição para um ensino mais híbrido e livre. Hoje, há muito mais possibilidades do que aquela escolarização engessada.

P13: (...) temos que compreender que a tecnologia devia estar há tempos na escola.

P17: (...) a autoavaliação está sendo realizada intensamente. Estamos avaliando formas de levar os conteúdos de aprendizagem até os alunos. Estamos repensando as intervenções e práticas pedagógicas (...). Cada um está dando o seu melhor (...) estamos valorizando a vida, nos reinventando e repensando a "Educação".

P18: (...) aproveito os mais diversos instrumentos possíveis para receber a devolutiva do meu aluno. Sabemos que alguns estão se empenhando, fazendo, mas sempre há um suporte familiar por trás. (...) acredito que precisamos ver o lado bom das coisas, então descobrir tecnologias novas é sempre superbom. E como sou de uma geração que tem maior facilidade de aprender sobre tecnologias não foi tão complicado.

P22: Busco diferentes estratégias digitais para o ensino e aprendizagem de alunos bem pequenos.



Nos trechos elencados é possível inferir que a dimensão da idade dos professores reflete, de alguma maneira, nas formas de pensar esse novo contexto educacional. Se por um lado, vê-se professores com idades avançadas com mais dificuldades e aprendendo novas tecnologias para se adaptar ao ensino remoto, por outro lado, tem-se professores mais jovens relatando facilidade, fluidez e uma maior abertura para recepcionar essa transição do ensino que já o consideram engessados para as novas possibilidades de espaços e de tempos digitais, estes que o ensino remoto requer. Percebe-se que mesmo os professores que possuíam certa resistência quanto ao uso das tecnologias em suas práticas cotidianas estão se adaptando ao novo cenário e buscando respostas metodológicas condizentes ao ERE.

Sem dúvidas o professorado encontra-se debruçado em busca de alternativas e soluções para a educação seguir em frente, para minimizar as dificuldades provocadas por esse novo estilo de ensinar, de aprender e de viver. Esta é uma real oportunidade de se reinventar e aprender com e durante o processo. Para Tomazinho (2020), a aprendizagem do professor será intensa, aprenderá o que funciona e o que não funciona. O professor terá a oportunidade de ajustar o que não funcionou bem e intensificar o que parece ter funcionado, e já testar na próxima aula para aprender ainda mais, em cenário real.

Nas palavras do participante P17, é um tempo de autoavaliação constante e intensa, na perspectiva de melhorar o ensino, de ampliar as possibilidades das práticas e intervenções educativas. É momento de reorganizar a docência, repensar e reinventar a tessitura cotidiana do conhecimento. Assim, buscando um aspecto maleável à docência que também é “[...] concebida como um “artesanato”, uma arte aprendida no tato, realizada principalmente às apalpadelas e por reações parcialmente refletidas em contextos de urgência” (TARDIF; LESSARD, 2008, p. 46, grifos do autor). Novamente evoca-se os depoimentos de professores que se esforçam em inaugurar estratégias, ressignificando seu ofício:

P1: Através das ferramentas do Google, através de trabalhos entregues pela plataforma de ensino.

P4: Para avaliar o desenvolvimento deles criei um questionário avaliativo e enviei as famílias para responderem.

P6: Recebo as atividades por e-mail e dou retorno também por e-mail. Tenho utilizado atividades de pesquisa, questionários, redações, análise de imagens, músicas etc. (...) o suporte digital confere maior rapidez no processo de correção das atividades.

P9: Os pais participam, ajudam - isso é muito bom, porque a família é extremamente importante na formação dos petizes da primeira infância.

Os professores que participaram da pesquisa assinalam que permanecem utilizando os mais variados instrumentos avaliativos mesmo que de maneiras e/ou formatos diferentes, tais como: observação, diário, registro escritos e fotográficos, relatórios, questionários, testes, participação, presença, conversas com alunos e famílias, autoavaliação, entre outros. Mas, também relatam uma necessária readequação dos



mesmos e a inauguração de outros, muito em função dos recursos disponíveis, como é o exemplo do uso das ferramentas da plataforma *Google*, endereço eletrônico etc.

Por outro lado, é possível perceber também as mazelas e limitações que essa nova forma de ensinar, aprender e viver têm gerado nas camadas sociais mais populares, assim como, nas práticas docentes. As desigualdades sociais são tão discrepantes que vemos nos depoimentos dos professores algumas dificuldades enfrentadas nesse novo modelo de ensino. Eis:

P5: A avaliação se torna restrita, pois não se pode fazer intervenções significativas que auxiliem neste processo. (...) é pouco qualificada e excludente, pois os professores não possuem formação adequada para lidar com estes recursos e muitos alunos não possuem o acesso.

P11: Os alunos de escolas públicas não têm acesso ao ensino remoto, somente alguns poucos privilegiados. Sem acesso por não terem internet, celular, computador, tablet, isso torna o ensino remoto frustrante para o professor.

P12: Creio que o ensino remoto impede as interações necessárias ao processo de aprendizagem como a partilha de ideias, a leitura compartilhada, os questionamentos e debates acerca dos conteúdos. A observação das dificuldades e da evolução dos(as) alunos(as), por parte da professora também fica impossibilitada e, dessa forma, a qualidade do ensino é ruim.

P14: (...) a falta de acesso e participação dos estudantes. O abandono e descaso do poder público para garantia do direito à educação.

P15: A exclusão digital é uma barreira.

P16: (...) no meu caso avaliar um processo artístico, torna-se praticamente inviável, à distância.

P18: Acredito que pessoalmente é mais tranquilo, estamos habituados com as dúvidas, mudar o jeito de explicar, enfim é o velho olho no olho. Virtualmente não é assim tão vai e vem. Nunca tenho certeza se fui clara o suficiente para o outro lado da tela.

A preocupação de praticamente 100% dos participantes para com seus alunos é legítima, especialmente se levarmos em consideração que a grande maioria dos professores entrevistados, somando 77%, atuam na rede pública de ensino, e, quase 100% deles atuam na educação infantil e nos anos iniciais, como demonstrado anteriormente, nos Gráficos 2 e 3. Esta inquietude é gerada nos docentes pois refere-se a falta de acesso aos direitos sociais de alunos e famílias em situação de vulnerabilidade social, incluindo aqui o acesso ao meio digital e aos artefatos da tecnologia da informação. Usando o depoimento de P15, a exclusão digital é então uma enorme barreira a ser vencida, pois, uma vez que para alcançar um efetivo e exitoso ensino remoto se faz necessário a mínima condição para isso.

Outra preocupação latente dos docentes refere-se ao processo de avaliação da aprendizagem dos alunos da educação básica, que têm ficado bastante precarizada nesse contexto educacional do ensino remoto, especialmente, tratando-se dos anos iniciais e educação infantil. Suas declarações ilustram:

P14: Avaliação faz parte do processo e acompanha as ações e planejamentos. Norteia as ações e reflexões sobre as práticas para que se busque caminhos para o desenvolvimento dos estudantes. Não é



o fim, mas caminho.

P17: Minha convicção de avaliação é predominantemente processual. Algumas vezes realizo testagem para orientar meu planejamento e intervenções. Como avaliar nesse momento? Não concordo com nenhum tipo de avaliação ou parecer sobre as aprendizagens. Penso que poderíamos avaliar vínculos, parcerias, mas não a aprendizagem escolar.

P20: Para mim, avaliar nesse momento é inviável. Os pais que ajudam os filhos nas atividades muitas vezes respondem por eles, pois não sabem como não interferir nas respostas. Não tenho contato com vários alunos pela falta de acesso à Internet. Como avaliar assim? O que avaliar quando a maioria nem tem acesso? É válido avaliar somente alguns e excluir os que não acessam?

P21: Fica difícil avaliar a aprendizagem das crianças não presenciando suas atividades, brincadeiras e interações. A forma tímida de retorno das famílias também não torna essa avaliação clara. O que tenho avaliado, através das interações com as famílias, é um pouco do contexto familiar que a criança está inserida, observando através de imagens e áudios o quê e como o ambiente está disponível para que a criança seja instigada a brincar, explorar e experimentar de forma as possibilidades ao seu redor, para que seu desenvolvimento seja estimulado.

Vê-se claramente nos discursos docentes que suas concepções de avaliação de aprendizagem competem com o estilo de ensinar proposto pelo ensino remoto, o que acaba inviabilizando uma avaliação consistente ou condizente àquela que se fazia dentro do espaço e tempo da escola. Alguns docentes se sentem impossibilitados de avaliar e sugerem novos formatos de avaliação, novas lentes e outros olhares para o conceito dessa prática, ou então, estão apenas percebendo e se questionando sobre o que avaliar em si.

Dentro dessa perspectiva, os participantes entrevistados percebem o dinamismo de sua profissão, a fluidez do trabalho docente, as mudanças dos cenários de ensino e aprendizagem, assim como de seu público-alvo, enfim, a indeterminação e a incerteza do viver. Não são mais os mesmos professores, nem alunos, sequer os mesmos conhecimentos, nem saberes, a vida não é mais a mesma, pois a cada dia uma notícia diferente faz com que docentes percebam a necessidade de recontextualizar e ressignificar o trabalho para um sujeito, um tempo, espaço e uma vida diferente.

Aqui, pode-se invocar os aportes teóricos que viabilizam esse ajuste na avaliação, àqueles que asseguram que o ato de avaliar está estreitamente ligado à triangulação dos conceitos de ensino-aprendizagem-avaliação, em uma movimentação constante e complementar fortalecendo o fazer docente (PIRONEL, 2019). E outros autores que afirmam que a avaliação é processual, o mais valioso é o processo de indagação e de reflexão (ÁLVAREZ MENDEZ, 2003). E acima de tudo, avaliação deveria de ser formativa, para assim ajudar processo de construção de todos os sujeitos envolvidos no âmbito escolar. Ou seja, o que vale mesmo é o caminho percorrido, assim como refletem os professores entrevistados. (PERRENOUD, 1999).

Ainda é preciso dar destaque a estes profissionais que refletem sobre a incompletude e o inacabamento de seu ofício, como apareceu na narrativa de alguns entrevistados, entendendo que se faz necessário a flexibilização dos saberes e conhecimentos, do ensino e da aprendizagem, enfim, das práticas docentes. Neste sentido, Paulo Freire teorizava sobre o inacabamento fazer parte da vida e das



possibilidades de viver a vida, afinal ensinar exige consciência do “[...] inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.” (FREIRE, 1996, p. 50).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas análises realizadas, levando em consideração as vozes dos sujeitos participantes da pesquisa entrelaçados aos autores estudados, foi possível evidenciar um latente processo ressignificação e reinvenção das práticas docentes, dentro de um contexto específico, o trabalho remoto em virtude da pandemia. Esta reinvenção da docência vem sendo subjetivada por esse novo formato de educação, pelos espaços e tempos diferentes e híbridos, pelas novas experiências de ensino, aprendizagem e avaliação, pelos meios digitais e suas diversas alternativas de organização, enfim, por este novo modo de ser, estar e viver no mundo pós-COVID/19 e ainda em confinamento social.

Os professores entrevistados trouxeram uma importante reflexão sobre a possibilidade de inserir novos modelos de organização pedagógica através da educação remota emergencial, buscando soluções e estratégias nas ferramentas digitais para viabilizar o trabalho. Ajudaram a pensar sobre as mazelas e abandonos que percebem no cotidiano com os aprendizes. Também fizeram entender que são seres humanos, aprendentes, passíveis de erros e com seus sentimentos mais íntimos aflorados. Por fim, sugerem novos olhares para o conceito de avaliação, pois avaliar a aprendizagem escolar é um movimento que cabe ao espaço e tempo da escola. E se dispõem sobre as possibilidades de seguir reinventando a avaliação.

As reflexões não objetivaram o esgotamento das ideias, muito pelo contrário, pois, após mais de um ano de confinamento social, escolas fechadas, uso de máscaras e outros cuidados sanitários, segue-se vivendo à beira das incertezas do Coronavírus e da doença COVID/19. O estudo buscou um encontro entre as percepções das pesquisadoras, sujeitos pesquisados e conceitos apreendidos, na possibilidade de refletir sobre a reinvenção dos fazeres docentes. Segue-se reinventando as formas de ensinar, aprender e avaliar.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ-MENDEZ, J. M. A avaliação em uma prática crítica. **Pátio Revista Pedagógica**, ano 7, n. 27, 2003.

ARROYO, M. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

FACULDADE DE ARQUITETURA/UFRGS. **Estudo sobre Ensino Remoto**. 2020.



FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLGES, C. *et al.* **A Diferença entre Ensino Remoto de Emergência e Aprendizagem Online.** 2020.

KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação.** Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.** (2a ed). São Paulo: Atlas, 2009.

OMS. **Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus: Mudança de classificação obriga países a tomarem atitudes preventivas.** 2020.

ONU. **Covid-19: Unesco divulga 10 recomendações sobre ensino a distância devido ao novo coronavírus.** 2020.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação de aprendizagens, entre duas lógicas.** Porto Alegre, Artmed Editora, 1999.

PIRONEL, M.; VALLILO, S. A. M. **Perspectivas para Resolução de Problemas.** 1ed.: Editora Livraria da Física, 2017. p. 279-304.

PIRONEL, M. Avaliação para a aprendizagem: a metodologia de ensino-aprendizagem-avaliação de matemática através da resolução de problemas em ação. **Tese de Doutorado** - UNESP, Rio Claro, 2019.

RODRIGUES, M. B. C. **Tópicos Educacionais I.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. P. 59-67.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.